

Notas sobre o curso da vida: uma resenha

Notes on the course of life: review

MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice...: Homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

O que eu faria de diferente... [para por alguns minutos para pensar] é justamente a questão de assumir, botaria a boca no megafone, entendeu? Ia me assumir e viver os meus desejos mais abertamente. *Pesquisador: Você faria isso hoje?* Agora não! Já consegui assumir para mim mesmo. Mas quando eu realmente me assumi entrei na velhice (José, 63 anos, p. 199).

A epígrafe acima foi dita por um dos interlocutores de Murilo Peixoto da Mota – Sociólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – durante o processo de construção etnográfica de seu estudo com homens homossexuais, de camadas médias urbanas cariocas e que têm idade igual ou superior a 60 anos. Estes homens são classificados pelo autor como “gays velhos”. Articulando uma instigante discussão bibliográfica e dando especial atenção para as narrativas desses homens, o autor lançou mão de seu livro intitulado, “*Ao sair do armário, entrei na velhice...: Homossexualidade masculina e o curso da vida*”. Pelos meandros das páginas escritas, temos a possibilidade de conhecer trajetórias, narradas pelos próprios interlocutores e organizadas por Murilo Mota. Aqui, ele traz à tona uma geração que viveu intensos

anos de ditadura militar, que construíram sua homossexualidade à margem de uma sociedade heteronormativa e sexista e que foram os primeiros atores a estremecer as estruturas sociais na busca por direitos sexuais. O “armário” - que não por acaso aparece no título do trabalho -, portanto, torna-se uma metáfora onde se guarda pertences; no caso dos gays velhos, escondem seus desejos, que àquela altura eram tidos como algo “patológico” e “desviante” de normas sociais.

É possível com a leitura do livro alcançar narrativas de um tempo passado, que ao serem ditas revelam a relação com os vários “outros” que compõem a vida social. São essas memórias que interessam ao autor. Todavia, é somente a partir do tempo presente que elas ganham forças e, no desafio da vida social, possibilidades de relativizar o futuro. Para organizar a presente obra – se trata de uma tese de doutorado – o autor a dividiu em sete tópicos e optou por não nomeá-los por capítulos a fim de que o (a) leitor (a) pudesse iniciar a sua leitura de qualquer um dos pontos de discussão. Não vejo melhor forma de conhecer os escritos sem antes evidenciar a natureza do grupo pesquisado:

Três deles têm entre 60 e 63 anos, nove têm entre 65 e 69 anos e três entre 72 e 78 anos; quatro têm o vírus HIV; oito se casaram com mulheres; dez saíram de casa para se assumirem como gays; três atualmente mantêm uma união estável com outro homem; doze fazem ou já fizeram psicoterapia e oito afirmam fazer

uso de serviços de garotos de programa (Mota, 2014, p. 75).

À luz dessas quinze trajetórias o sociólogo pôde refletir de forma socioantropológica sobre a homossexualidade masculina e o curso da vida. Isso só foi possível, pois esses homens confiaram seus segredos ao autor – também outro homem –, lhes contaram sobre suas emoções, as estratégias adotadas para construir suas relações sociosexuais e, levando em consideração os padrões de gênero e sexualidade vigentes, a busca por suas “fugas desejantes” (Perlongher, 1987). Aparecem nas falas de seus entrevistados a migração para a cidade, objetivando viver uma vida sexual com mais liberdade. Este processo revela-nos o quanto a homossexualidade foi uma questão para seus familiares; muitos desses homens vieram a se casar com mulheres para manter uma imagem heterossexual. Quanto à família: os laços afetivos de amizades construídos a partir das redes de sociabilidade veio a preencher esse buraco, deixado pelos rastros da aversão à homossexualidade.

É exatamente por esses espaços de sociabilidade e através das redes de amizades que o autor percorreu a fim de encontrar os gays velhos. Interessava nesse momento ir atrás de futuros informantes para a pesquisa. Os espaços de homosociabilidade aparecem no tópico 3 do livro, bem como as estratégias percorridas pelo próprio autor para adentrar nesses universos. Se neste momento a discussão já aparece tencionada pelos primeiros contatos do pesquisador com as pessoas pesquisadas, os tópicos anteriores trazem uma discussão reflexiva e provocante sobre o lugar da homossexualidade e da velhice no mundo moderno. Os gays velhos estão presentes na vida social marcado pelo individualismo constante, operante no *ethos* da cultura ocidental. É um dos objetivos do sociólogo evidenciar como que esse “indivíduo moderno” estabelece suas relações e resiste ao mundo que tende a tornar as coisas cada vez mais privadas e individualizantes.

É desta forma, portanto, que a categoria *habitus* de Pierre Bourdieu apareceu em justaposição às narrativas dos interlocutores. Esses homens compartilharam uma mesma geração e tiveram suas trajetórias inscritas sob construções sociais e culturais que lhes são comuns. Para chegar a este plano de interpretação foi necessária a etnografia, as interações em suas dinâmicas homossexuais masculinas, bem como as relações sociosexuais e o processo de envelhecer. A homossexualidade desses homens faz-se presente nos primeiros tópicos do livro atrelado a ideia de certa feminilidade. É como se o homossexual fosse o “outro” da masculinidade. A discussão acerca da “alteridade” é uma questão comum e, arrisco-me a afirmar, que permeia o livro do início ao fim. O próprio velho seria o “outro” de uma juventude que, no mundo moderno, é algo valorativo e de busca incessante.

Nesse sentido, a idade, e por sua vez o curso da vida, que são lidos como algo “natural” (afinal, quem não fica velho?) estão revestidos de significados simbólicos. Cabe-nos até aqui a seguinte interrogação: E quanto à velhice e a “identidade” gay? Mota assinala o quanto o curso da vida transforma essas “identidades” – que de forma proposital já aparecem no plural, demarcando uma particularidade quanto à “identidade gay na velhice” – em algo dinâmico e constantemente negociado, já que o corpo jovem passa a ser o valorizado. As marcas do tempo trazem novos sujeitos desejantes, reformulam a maneira como os próprios gays velhos lidam com o corpo e com a sua sexualidade; suas alegrias, medos, vergonhas e angústias. Em suma, são perdas e ganhos.

As reflexões presentes até aqui, já fazem alusão aos interlocutores do autor, porém, sobretudo privilegia uma discussão mais teórica – e densa ao mesmo tempo – sobre gênero, sexualidade e envelhecimento. Foi necessário ter feito isso, pois assim chegamos à conclusão de que o velho é um ator social, assim como o gay também o é. As duas figuras vivem sob marcadores

sociais da diferença, quando coexistem em uma só pessoa, eis que jaz o “duplo estigma”.

Do tópico 4 em diante, Mota toma este campo teórico de análise elegido e dá atenção especial às narrativas dos seus entrevistados. Ele percorre por entre as suas “carreiras sexuais”. Aqui, aparece a clandestinidade da homossexualidade para esta geração. O medo e a vergonha também são categorias nativas que surgem nas histórias de vida. A migração para a cidade grande com o fim de se interagir nos circuitos gays, bem como os casamentos com mulheres também foi algo que marcou os gays velhos. No plano das experiências sexuais, a epidemia de AIDS marcou esta geração, ainda mais porque os discursos emocionais sobre a doença eram construídos de forma direcionar-se para essa parcela da sociedade de homens homossexuais. Não à toa, o “medo” da AIDS fez com que muitos deles viessem a diminuir ou mesmo deixassem de ter relações sexuais naquele tempo.

A ditadura militar, os padrões heteronormativos, a AIDS (como dito acima) e a própria cultura cristã – eu acrescentaria esse ponto – foram fatores que fizeram dessa geração, hoje os gays velhos, construir a ideia do “armário”. Quanto a isto, Mota nos disse: “Para os indivíduos homossexuais, o submeter-se ao ‘armário’ está calcado na falta de amparo social e de garantias de possibilidades de aceitação social” (p. 46). Desta forma, não seria de todo errado afirmar que a metáfora não é apenas a de esconder um verdadeiro “eu”, mas também de resistir contra um mundo cruel que os estigmatizavam e que até hoje continua fazendo. O grande problema nas narrativas dos gays velhos é justamente o da epígrafe que abre esta análise: a homossexualidade começou a se tornar público quando a velhice também apareceu; daí o nome do livro: “*Ao sair do armário, entrei na velhice...*”.

Refletir sobre o tempo passado de forma muito subjetiva, mas com características comuns entre os entrevistados, é tam-

bém pensar no presente de suas vidas. O curso da vida para esses homens os trouxeram marcas corporais da idade e a consequente limitação fisiológica. A isto, o autor ousa transgredir e faz transparecer que esses gays enfrentaram muitos problemas em suas histórias no que tange às suas famílias e para as normativas sociais de padrões heterossexuais. Contudo, o caráter inovador é justamente o de assinalar que esses homens são uma “alteridade” entre os seus próprios pares, as pessoas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais etc.), sobretudo os gays jovens do tempo presente de suas narrativas. Não obstante, a militância e as próprias “paradas gays” são alvos de denúncias dos entrevistados que, entre olhares e participações se vêm excluídos do mundo da diversidade sexual moderna.

Por conta disso, a velhice trouxe para esses homens uma série de reformulações afetivas e sexuais. Agora, eles valorizam menos os contatos sexuais passageiros e mais uma boa amizade duradoura com os seus parceiros. O corpo que envelhece passa a apresentar problemas para manter uma ereção duradoura. A medicalização da sexualidade desses homens tornou-se algo presente em seus repertórios sexuais. Em suma, a “corporeidade na velhice” é um objeto cada vez mais possível de análise social. Desse modo, relativizar o futuro dessa geração é levar em conta que as marcas do curso da vida estão atreladas a ideia da maturidade e que os projetos de vida não param, mesmo que, no mais das vezes, eles sejam tidos como pessoas próximas de suas mortes. Porém, se a morte física ainda não é uma realidade, nem mesmo pensada por esses homens, a morte social já é uma realidade presente.

Cabe ressaltar, que se as próprias carreiras sexuais desses homens quando jovens já apresentavam dinâmicas e contratempos (migração, casamento com mulheres, clandestinidade etc.), é significativo frisar que o futuro também é incerto e, constantemente negociado, por isso é preciso o exercício de relativizar. Em outras

palavras, o que ainda está por vir nessas trajetórias são vidas abertas e em constante disputa social, interpretação esta puramente minha de algo que também é diretamente o meu “outro” nas relações sociais; visto a juventude valorativa do mundo moderno ocidental que ainda me é uma realidade.

Dar atenção para as memórias nas narrativas desses homens, objetivando discurrir sobre experiências amorosas, decepções subjetivas e familiares, espaços por onde percorrem a homosociabilidade e ainda refletir sobre o tempo presente e buscar relativizar o futuro, é estar atento para os fluxos das zonas relacionais dos informantes. Não posso deixar de destacar aqui que somente foi possível para autor realizar este estudo, que é sobre “relações”, pois se manteve atento às relacionais (que ele denomina por sociabilidades). Marilyn Strathern (2015 [2005]) discute este ponto afirmando que o modelo de relação que os antropólogos adotam é uma ferramenta emprestada, que surge como categoria investigativa de uma habilidade que é própria e presente na vida social. Em outras palavras, teoriza-se sobre relações (classificando e justapondo conceitos) dando atenção para as próprias relacionais. Foi isto que Murilo Mota fez em seu estudo.

O corpo que envelhece e é ao mesmo tempo gay, que está inscrito sob o cerne de uma sociedade machista e heteronormativa, que cada vez mais valoriza o individualismo, faz dos gays velhos atores sociais. Eles experimentam o “duplo preconceito” no mundo moderno: a homossexualidade e a velhice; são dois pesos sociais reunidos em um só sujeito. As contribuições do livro são as de mostrar como as histórias de vida desses homens estão inseridas em contextos de relações que, na maior parte das vezes a resistência é a grande arma para essa geração. Murilo Mota não hesita, ao nos contar, que foram eles que lutaram para se afirmarem gays e hoje se encontram velhos. Em uma relação dialógica com a juventude valorativa, a velhice emerge, assim, como um problema

social mais amplo que nas esferas das micro-relações com os próprios pares da homossexualidade também é alvo de esquecimento, opressão e apagamentos.

Se o livro está tratando de uma das consequências do mundo moderno, a velhice e a homossexualidade de forma concomitante, certamente, duas interrogações nos interessam: E as pessoas que hoje são jovens e no futuro serão velhas, como elas lidam com essa questão? Como os gays jovens podem excluir uma geração sabendo que no futuro poderão ser eles os *outsiders* da homossexualidade? São perguntas que surgem com o processo de leitura de “*Ao sair do armário, entrei na velhice...*”. Acredito que é a isso que o livro vem a contribuir para os estudos em Ciências Humanas e Sociais, sobretudo com o foco em sexualidade, gênero, geração e emoções. Ele possibilita repensar em como os gays velhos estão sendo tratados no cotidiano da vida social, em como esses homens são atores de uma sociedade que, cada vez mais, guarda lugares muito específicos e cruéis para aqueles que envelhecem, sobretudo, o próprio “meio gay” que muito teria a agradecer a esta geração e que hoje os exclui.

“Envelhecer a homossexualidade” é mais do que um processo “natural”, ou mesmo individual. Está inscrito sob gramáticas sociais e emocionais revestidas de desafios que, graças à resistência ao sexismo, à heteronormatividade, à homofobia e a tantas outras formas de discriminação, os “senhores de si” conseguem se construir bem mais do que “indivíduos”, mas sim a possibilidade de serem “pessoas”. É isso que eu pude descobrir lendo as histórias de Antônio, Júlio, Paulo, Fernando, Márcio, Manoel, Álvares, Francisco, Marco, Ricardo, José, Roberto, Raphael, Luis e Eduardo.

Para fins de minhas conclusões, ler o livro de Murilo Mota é conhecer um belo enredo acadêmico que é ao mesmo tempo impulsionado por uma agenda militante. O livro mostra como os gays velhos construíram suas vidas por experiências dentro de

limites sociais, e a grande questão é que talvez esses limites ainda sejam operantes.

Romário Vieira Nelvo

Referências

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio de Michê: Prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

STRATHERN, Marilyn. *Parentesco, Direito e o Inesperado: Parentes são sempre uma surpresa*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

